

O papel das mulheres na construção do conhecimento em Etnobotânica na região norte: uma revisão integrativa

The role of women in the construction of knowledge in Ethnobotany in the northern region: an integrative review

Reinato Andrade Tembo Xavier*
Renato Abreu Lima**

Resumo

Os habitantes das comunidades têm o conhecimento de utilização de plantas medicinais e a mulher sempre teve um papel predominante com relação ao homem. O trabalho buscou destacar o papel das mulheres na construção do conhecimento Etnobotânico em plantas medicinais na região norte do Brasil. Para o efeito, foi realizado um levantamento bibliográfico de trabalhos publicados em artigos científicos de circulação nacional e internacionais desenvolvidos nos últimos 15 anos. Verificou-se o envolvimento da mulher na construção do conhecimento em Etnobotânica, como um componente importante no sistema médico local, pois apresenta um saber aprendido entre os mais velhos. Neste caso, destaca-se o conhecimento que é influenciado pelas mudanças condicionadas e pela evolução científica e econômica durante o período em destaque. A mulher em todos os períodos da pesquisa esteve presente e exerceu um papel especial no que concerne ao conhecimento de plantas medicinais, pois ela sempre esteve ligada à saúde e ao bem-estar social da família. A sua contribuição para o desenvolvimento Etnobotânico esteve implantada na produção científica no Brasil e no desenvolvimento de trabalhos neste espaço de conhecimento. Existem muitas plantas que ainda não são conhecidas por suas aplicações na ciência de saúde. Foi demonstrado que não existia uma medida baseada em mulheres para o conhecimento em diferentes escaladas. O levantamento fez saber que as mulheres possuem muito conhecimento etnobotânico, demonstrado no uso de plantas medicinais para a cura e alívio de doenças no seio familiar e na comunidade em geral.

Palavras-chave: Biodiversidade. Etnobiológico. Conservação biológica de plantas medicinais.

* Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais (PPGCA), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente (IEAA), Brasil; E-mail: reinatoxavier@gmail.com.

** Doutor em Biodiversidade e Biotecnologia; Docente no curso de Ciências: Biologia e Química do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade Federal do Amazonas (IEAA/UFAM), Brasil.; E-mail: renatoabreu07@hotmail.com.

Abstract

The inhabitants of the communities are aware of the use of medicinal plants and women have always had a predominant role in relation to men. The work sought to highlight the role of women in the construction of Ethnobotanical knowledge in medicinal plants in the northern region of Brazil. For this purpose, a bibliographic survey of works published in scientific articles of national and international circulation developed in the last 15 years was carried out. The involvement of women in the construction of knowledge in Ethnobotany was verified, as an important component in the local medical system, as it presents knowledge learned among the elderly. In this case, the knowledge that is influenced by the conditioned changes and by the scientific and economic evolution during the highlighted period stands out. Women in all periods of the research were present and played a special role with regard to the knowledge of medicinal plants, as she has always been linked to the family's health and social well-being. His contribution to Ethnobotanical development was implanted in scientific production in Brazil and in the development of works in this space of knowledge. There are many plants that are not yet known for their applications in health science. It was shown that there was no measure based on women for knowledge at different levels. The survey showed that women have a lot of ethnobotanical knowledge, demonstrated in the use of medicinal plants for the cure and relief of diseases in the family and in the community in general.

Keywords: Biodiversity. Ethnobiological. Biological conservation of medicinal plants.

Introdução

O conhecimento só tem valor quando ele é transpassado e consumido por várias pessoas e se transforma em Ciência a qual identifica regras de conhecimento para determinado fenômeno natural a vários níveis. O sistema de medicina local incorpora conhecimentos, atividades e vários tabus tradicionais característicos de uma determinada população local e se relaciona muito com a saúde pública e ao bem-estar da família. A mulher neste processo encontra-se na vanguarda por estar inteiramente ligada à família e é detentora de determinados conhecimentos e habilidades cognitivas nativas nesta área do saber, ajudando a aliviar o sofrimento de famílias (KRAMER, 2010).

Neste âmbito, o desempenho da mulher foi muito importante, pois auxiliou ao homem criando um vínculo organizado para a manutenção do sistema de saúde pública como um dos parceiros sociais no conhecimento de plantas medicinais (KRAMER, 2010). A partir dos saberes dos intervenientes sociais na matéria de plantas medicinais, foi possível a identificação os caracteres fundamentais observados na aplicação direta de remédios para a cura de determinadas doenças (ALBUQUERQUE, 2012).

Apesar das grandes diferenças tradicionais que existiram entre os intervenientes nos processos de pesquisas realizadas nas comunidades, isso foi possível se observar graças à inhomogeneidade das proveniências dos habitantes na região norte do Brasil, os quais contribuíram ativamente no estudo etnobotânico com plantas medicinais (PFEIFFER; BUTZ, 2005).

Os estudos decorrentes nas pesquisas em Etnobiologia e Etnobotânica mostraram que poucos foram os artigos examinados na biodiversidade com o envolvimento da mulher no conhecimento etnobiológico e prático (PFEIFFER; BUTZ, 2005). O recurso usado para alterar várias opiniões e conceitos ecológicos baseado na compreensão da vasta riqueza e abundância de organismos vivos em várias épocas e períodos de tempos, requereu vários conhecimentos para serem entendidas as suas mudanças comportamentais e poder se

compreender os sistemas socioecológicos (TORRES-AVILEZ; MEDEIROS; ALBUQUERQUE, 2016).

Para Martins et al. (2005), manter o respeito pela cultura, tradição e usos e costumes de um povo, era melhor opção pois cada povo numa comunidade tem suas particularidades e informações muito valiosas no tratamento de enfermidades com plantas medicinais.

O estudo da Etnobotânica também se mostrou como um instrumento de relacionamento da mulher nos processos agrícolas, em que ela se dedica no plantio e domesticação de plantas medicinais, assegurando, assim, a vida familiar, restando para o homem se dedicar a conhecimentos sistematizados que garantam a vida mais facilitada para a família (VIU; VIU; CAMPOS, 2010).

Apesar de tantas mudanças no desenvolvimento socioeconômico e na emancipação da mulher, ainda persistem ideias que não reconhecem os seus talentos e o poder modificador na preservação do meio ambiente. No tratamento desta proposição que envolve conhecimentos da mulher em Etnobotânica nas comunidades do norte de Brasil, foi importante destacar o papel delas como detentoras de saberes tradicionais e das práticas sociais que tendem à preservação do meio ambiente e de plantas medicinais, elas demonstram suas experiências etnobotânicas (VIEIRA; MILWARD-DE-AZEVEDO, 2018).

Para Albuquerque; Medeiros (2012), o estudo da Etnobiologia requer profundos conhecimentos ligados a várias tradições culturais para o uso de recursos florestais naturais, o qual deve ser sistemático para a preservação das espécies evitando sua extinção e desaparecimento. As espécies não foram avaliadas ao mesmo tempo, tendo em consideração a inclusão da mulher no processo de medicina local bem estruturado num padrão próprio. Se assim fosse possível, poderia facilitar o estudo e a compreensão do conhecimento que a mulher possui.

Albuquerque et al. (2012) mostrou quão era importante a consideração do conhecimento da mulher nas várias esferas da medicina local na busca de medicamentos através de plantas medicinais. Sendo possível a partir do conhecimento entre os gêneros, contribuir para a conservação, manutenção das espécies, facilitou o estabelecimento e busca de estratégias para a preservação de recursos naturais. Assim, este artigo teve como objetivo realizar um levantamento bibliográfico sobre o papel das mulheres na Etnobotânica na região norte do Brasil..

Materiais e métodos

O estudo teve como base a análise das informações obtidas através de leitura minuciosa dos conteúdos de artigos científicos publicados em revistas de circulação nacional e internacional nos últimos 15 anos (2004-2019), escritos em língua portuguesa e em inglês por autores brasileiros, colecionados nas bibliotecas virtuais, na Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online e SCIELO²⁰.

20 Os autores agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos do primeiro autor e ao Programa de Cooperação em Ciência, Tecnologia e Inovação com Países da África (PROÁFRICA) por ter pensado em capacitação de professores universitários africanos em especial dos países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), à Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e ao seu Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA) pela oportunidade de oferecer condignas condições de frequentar o Curso com êxitos.

Segundo Cooper (2009) considera-se a coleção de informação seguido da avaliação, análise e integração de resultado. O estudo considera o papel da mulher, sua contribuição na construção do conhecimento na etnobotânica na região norte do Brasil, o qual permite obter informações de populares sobre a utilidade das plantas medicinais, respeitando as várias tradições culturais na interpretação destes recursos naturais por ambos os sexos (VASQUES, MENDONÇA; NODA, 2014).

Resultados e discussão

Foram identificados num total de 20 artigos dos quais nove foram escolhidos por abordarem aspectos relacionados com os propósitos desta pesquisa (Tabela 1). A maioria dos entrevistados independentemente aos métodos aplicados na recolha de dados, mostraram que as mulheres adquirem conhecimentos através da interação com outras mulheres.

Tabela 1 – Ilustra os nomes dos autores selecionados, títulos das suas obras, o tipo de produção e o ano de publicação

Sequência	Autores	Título	Tipo de produção	Ano de publicação
1	FRASER, M. T. D. GONDIM, S. M. G.	Da fala do outro ao texto negociado: Discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa	Artigo	2004
2	MARTINS, A. G. et al.	Levantamento etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e tóxicas da Ilha do Combú, Município de Belém, Estado do Pará	Artigo	2005
3	PFEIFFER, J. M.; BUTZ, R. J.	Valiação cultural e ecológica variação na pesquisa etnobiológica: uma importância do género	Artigo	
4	COOPER, H.	Síntese e Meta-Análise de Pesquisa: Uma Abordagem Passo a Passo. 4th. Thousand Oaks, Califórnia, EUA: SAGE	Artigo	
5	BORGES, R.; PEXOTO, A. L.	Conhecimento e uso de plantas em uma comunidade caiçara do litoral sul do Estado do Rio de Janeiro, Brasil I	Artigo	2009
6	VIU, A. F. M.; VIU, M. A. O.; CAMPOS, L. Z.	Etnobotânica: uma questão de género?	Artigo	2010
7	MIRANDA, T. N. et al	Existe utilização efetiva dos recursos vegetais conhecidos em comunidades caiçaras da Ilha do Cardoso, estado de São Paulo, Brasil?	Artigo	2011
8	ALBUQUERQUE, U. P.; MEDEIROS, P. M.	Revisões sistemáticas e metanálises aplicadas à pesquisa etnobiológica. <i>Etnobiologia e Conservação</i>	Artigo	
9	ALBUQUERQUE, U. P. et al	As pesquisas etnofarmacológicas são úteis para a descoberta e o desenvolvimento de medicamentos a partir de plantas medicinais?	Artigo	2012
10	WOOD, W.; EAGLY, A. H.	Biosocial Construction of Sex Differences and Similarities in Behavior	Artigo	
11	LOPES, L. C. M.; LOBÃO, A. Q.	Etnobotânica em uma comunidade de pescadores artesanais no litoral norte do Espírito Santo, Brasil	Artigo	2013
12	BALBINOT, S.; VELASQUEZ, V. G.; DÚSMAN, E.	Reconhecimento e uso de plantas medicinais pelos idosos do Município de Marmeleiro – Paraná	Artigo	
13	LIMA, R. A.; PIRES, L. S. S.; VIEIRA, N. G.	A educação ambiental e o uso de plantas medicinais utilizadas pela população do distrito de União Bandeirante-Rondônia	Artigo	

14	VASQUES, S. P. F. MENDONÇA, M. S.; NODA, S. N.	Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil	Artigo	2014
15	TORRES-AVILEZ, W.; MEDEIROS, P. M.; ALBUQUERQUE, U. P.	Effect of Gender on the Knowledge of Medicinal Plants: Systematic Review and Meta-Analysis	Artigo	2016
16	OLIVEIRA, A. P. C.	O conhecimento tradicional sobre plantas medicinais no âmbito da saúde da mulher: uma perspectiva no contexto do produto tradicional fitoterápico	Artigo	
17	TORRES-AVILEZ, W. M.; ALBUQUERQUE, U. P.	Dinâmica da socioecologia sistemas: gênero influência nos sistemas médicos locais	Artigo	2017
18	OLIVEIRA, V. S.	Caracterização das Produções Científicas Sobre Levantamento Etnobotânico de Plantas Medicinais	Artigo	
19	VIEIRA, B. B.; MILWARD-DE-AZEVEDO, M. A.	A Etnobotânica e o Ecofeminismo em prol da conservação ambiental	Artigo	2018
20	TORRES-AVILEZ, W. et al.	Gênero e seu papel na resiliência dos sistemas médicos locais do povo Fulni-ô no nordeste do Brasil: efeitos sobre estrutura e funcionalidade	Artigo	2019

Fonte: Elaborado pelos autores.

As mulheres são praticamente caseiras na sua maioria, dedicando-se mais em atividades domésticas, no que diz respeito ao cuidado dos filhos ou netos. A mulher contribui bastante para o desenvolvimento e crescimento da família adaptando-a aos novos paradigmas do ambiente onde se encontra inserida na sociedade com todas as suas transformações (OLIVEIRA, 2017). Essa ideia foi discutida também por Borges e Peixoto (2009) e Miranda et al. (2011), que tiveram a mesma conclusão que as mulheres possuam conhecimento de plantas medicinais apesar de não ser muito predominante comparado com os homens.

Os registros que mostram comparações entre os homens e as mulheres na posse de conhecimentos sobre plantas medicinais, distinguem maior domínio das mulheres em relação as plantas cultivadas nos quintais por razões simples em que o estudo não foi muito aprofundado e não generalizou o espaço de coleta em algumas regiões (LOPES; LOBÃO, 2013).

O conhecimento de utilização de plantas medicinais foi uma adaptação humana que vem de muito longo tempo curando doenças como por exemplo pressão de ventre infantil, diarreia, hemorroida, enxaquecas e aliviando de dores sofridos pela população. É importante destacar que este conhecimento teve origem desde que o homem existiu e foi passando de geração em geração e foi sempre saliente o conhecimento em poder das mulheres mais velhas. Assim se destaca a origem do conhecimento popular que deve ser consolidado de modo a resgatar as plantas medicinais que são sem dúvidas valiosas para as comunidades resolverem prontamente o sofrimento da população (LIMA; PIRES; VIEIRA, 2014).

Na maioria dos entrevistados, as mulheres são as mais indicadas, pois elas se responsabilizam pela preparação, ministração e cuidados de saúde e segurança na família, zelando especialmente pela vida das crianças desde a sua infância (VÁSQUEZ; MENDONÇA; NODA, 2014). As mulheres se dedicam na sua maioria em atividades domésticas principalmente na zona rural onde ainda não se verificaram mudanças ou adaptações de caráter moral, social, político, religioso etc. diferentemente dos homens que se engajam nos vários serviços, negócios, pesca e outras. Geralmente são as mulheres de maior

idade que possuem conhecimento e são as que mais respondem sobre plantas medicinais (LIMA; PIRES; VIEIRA, 2014).

Lima, Pires e Vieira (2014) citam que as plantas medicinais são cultivadas em locais muito próximos do local em que moram os homens tornando-se uma atividade do dia a dia, uma ação consistente e sistemática baseada em saberes populares que é transmitida verbalmente aos mais novos.

Dada à dinâmica farmacológica, os custos de remédios estão para os que podem e não para os que devem, pois estão a preços proibitivos para a população em geral na comunidade, além disso, os fármacos sendo produtos químicos têm efeitos colaterais quando aplicados no tratamento humano, como recurso as pessoas optam pelo uso de plantas medicinais contribuindo desta forma para a sua manutenção (BALBINOT; VELASQUEZ; DÜSMAN, 2013).

Nos estudos etnobotânicos se procedem testagem do conhecimento que as mulheres possuem sobre as plantas medicinais as quais prestam valor curativo para as doenças (TORRES-AVILEZ; ALBUQUERQUE, 2017), não se tomando em consideração ao que contribui para um determinado resultado ligado ao grupo de seres com as mesmas características. Deste modo, mostram a utilidade do estudo etnobotânico no qual deve ser bem-conceituado o papel da mulher como fator de mudanças (WOOD; EAGLY, 2015), pois existem vários conceitos semelhantes que traduzem cada um da sua maneira.

Na maioria dos artigos cerca de 80% os autores usaram procedimento de entrevistas semiestruturadas dirigidas aos informantes nas comunidades, o que facilitou na obtenção de dados aos pesquisadores e também deram grande impulso na transposição linguística relativa as plantas medicinais de modo a ser compreendido, pois cada povo numa comunidade possui linguagem tradicional local diferente para a mesma planta (VIU; VIU; CAMPOS, 2010).

Entrevista semiestruturada é um procedimento que se usa para a recolha de dados de forma muito espontânea onde o entrevistador cria um roteiro de questões segundo os objetivos pretendidos e num sistema de “face a face” vai colocando as perguntas predeterminadas e outras poderão surgir de acordo à natureza da conversa, mas não antes planejadas. É a forma mais simples que os pesquisadores adotaram nos seus trabalhos para a coleta de dados junto aos seus parceiros nas comunidades. A entrevista é importante, pois oferece maior comodidade e liberdade de expressão aos informantes deixando-os à vontade sem qualquer preocupação e à medida que a conversa vai decorrendo, o recrutador pode operar mudanças na sequência das questões de acordo com a evolução da entrevista (FRASER; GONDIM, 2004).

Neste âmbito, teve de ser considerado o papel da mulher nos diferentes rituais culturais de cada comunidade, de uma forma individual respeitando o comportamento e a organização interna evitando deste modo, a discriminação que ela tem passado desde os tempos passados por ter a configuração sexual biológica e a Etnobotânica reúne ferramentas que atribuem vantagens sociocultural na mulher (VIEIRA; MILWARD-DE-AZEVEDO, 2018). Todas as entrevistas semiestruturadas questionadas aos participantes seguiram o que estava padronizado e planejado no projeto de execução e respeitaram as tradições culturais de cada população nas comunidades (TORRES-AVILEZ et al., 2019).

Em algumas regiões do Brasil não é frequência à prática e uso de plantas medicinais, isto é, os estudos etnobotânicos não se praticam com maior intensidade embora estejam a ser envidados os esforços neste âmbito, como, por exemplo, em Paraíba,

Pernambuco, São José de Espinharas onde os adultos são os detentores de conhecimentos e na sua maioria as mulheres. Saliente-se que a permanência na comunidade por muito tempo implica maior interação com a natureza e consequentemente o domínio e aprofundamento da medicina local com todas as propriedades de tratamento de doenças frequentes na população (MARTINHO; SILVA; ANDRADE, 2011). Os mais velhos têm uma vida permanente na comunidade e na sua maioria analfabetos, enquanto os mais novos mudam periodicamente do local para às cidades, para continuarem com os seus estudos e muitos outros deslocam-se para se dedicarem aos trabalhos, para garantir a sobrevivência da família. Os autores asseguram que o uso de plantas medicinais está amplamente difundido no seio da cultura popular na comunidade, demonstrado o conhecimento pelos entrevistados de maior idade em consequência das experiências acumuladas durante a sua vida e aumento da perspectiva favorável do saber usar os recursos desimpedidos. É a partir dessas idades que os pesquisadores conseguiram obter número maior de espécies, de etnoespécies e de plantas nativas comparado com os informantes mais jovens.

Em Pernambuco, por exemplo, na comunidade indígena Fulni-ô, o género adquire conhecimentos de acordo aos rituais tradicionais daquela local, respeitando sua construção biológica, social e cultural. No âmbito social as mulheres dedicam-se ao conhecimento de plantas medicinais e sua aplicabilidade no modo de coordenação de noções particulares de ciência médica local. A diferenciação de género no conhecimento etnobotânico de plantas medicinais, é indiscutível pela incontestabilidade que as mulheres são a maioria que mais predominam neste campo do saber em várias categorias (AVILEZ; MEDEIROS; ALBUQUERQUE, 2017).

Para Wood e Eagly (2012), algumas atividades previamente estipuladas em ambiente realizadas por mulheres eram mais eficientes, como, por exemplo, a gestação e o aleitamento permite maior dedicação e cuidado dos filhos em muitas das sociedades o que torna conflituoso para outras atividades, pois não facilitam a realização de muitos movimentos experimentais que requerem preparação física assim como afastamento por muito tempo do local de residência. Todas essas atividades têm reflexos no processo evolutivo que passaram os nossos antepassados, exigindo aptidões para várias coisas ou aplicações, nas mudanças de acordo ao ambiente para suprir os desafios da atualidade. As aptidões nas mudanças permitem exercícios ginásticos do processo mental de percepção da evolução encefálica humana.

Neste contorno, existe uma necessidade ampliada de se dar atenção à saúde da mulher desde longo tempo a partir das primeiras décadas do século XX, a qual tem influenciando nas contenções socioeconômicas. Por ser muito caro, o medicamento é de difícil acesso às consultas no sistema único de saúde (SUS), o governo brasileiro aprovou a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicas como um instrumento importantíssimo para dar maior valor ao uso destes produtos vegetais (CARVALHO et al., 2012).

O Brasil não podia estar isolado dos demais países praticantes de plantas medicinais e fitoterápicas, pois tantas comunidades de outros quadrantes do mundo praticam como na China, Índia, México, Canadá, Austrália e em outros. Segundo a Resolução de Diretoria Colegiada (RDC) nº 26/2014^a, que faz a regulamentação dos registos de medicamentos fitoterápicos e incentiva a produção de produtos tradicionais fitoterápicos (PTF) procede à requalificação de plantas medicinais no país garantindo a eficácia e a segurança dos remédios e as boas práticas (BRASIL, 2014); os PTF fazem parte dos medicamentos que foram criados

pela ANVISA para dar garantias a população no seu uso, visto terem passado por uma revisão e testagem clínica minuciosa, pois não trazem efeitos colaterais adversos, por possuírem requisitos necessários para o consumo tradicional efetivo, cumprindo com os princípios recomendados pela Organização Mundial de Saúde, constituindo a legislação internacional de cumprimento obrigatório.

Para algumas comunidades, como, por exemplo, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, o conhecimento científico de plantas medicinais constitui a fonte de recursos material, económico de renda familiar de subsistência e rubrica biológica, sociocultural na comercialização de remédios, o que amplia o uso da medicina local e contribui para gerar emprego e sustentabilidade da biodiversidade (ALBUQUERQUE, 2014; CRUZ et al., 2019), passando a resguardar e a privilegiar a floresta nativa e a floresta exótica da região.

Para Miranda et al. (2011), as plantas medicinais estão provadas que não só servem para tratamento de sintomas e doenças como também contribuem para a ornamentação, a beleza do ambiente e dos jardins, e são usadas para alimentação fundamental do homem, assim como para finalidade de atendimento às preocupações mais pontuais, razão pelo qual o seu plantio ocorre nas residências, sendo disponíveis a qualquer momento para o uso imediato. Muitas das plantas cultivadas foram trazidas pelos imigrantes e por escravos a quando à ocupação colonial do Brasil são as plantas exóticas que se adaptaram ao ambiente local, exigindo deste modo maiores cuidados e demandas cultivares.

Existe muita ideia fixa e antecipada para aplicação do conhecimento etnobotânico nas comunidades procurando a manutenção por muito tempo dos produtos originais de plantas medicinais utilizadas na indústria de alimentos, medicamento para várias doenças (HAMILTON et al., 2003). Muitos informantes que moram a mais tempo nas comunidades, sabem dizer uma série de doenças cuja solução encontram nas plantas medicinais que possuem propriedades terapêuticas curativas com maior destaque para os problemas respiratórios, musculares, digestivos, parasitários, urinários, auditivos, genitais, metabólicos, transtornos nervosos, gravidezes, partos, vista e outros, como se pode ver ilustrado na tabela 2 (MENEGUELLI et al., 2017).

Tabela2 – Ilustra as categorias de doenças mais comuns na comunidade, os sintomas e as espécies mais citadas pelos informantes

Nº	Categorias de doenças	Ação/Sintomas	Espécies citadas
1	Incômodo no Sistema respiratório	Gripes, tosses	28
2	Incômodo no Sistema muscular	Fibromialgias	3
3	Incômodo no Sistema digestivo	Má digestão	34
4	Doenças parasitárias	Paludismo	26
5	Incômodo no sistema urinário	Infeção urinária	25
6	Incômodos auditivos	Dores de ouvidos	3
7	Incômodos genitais	Infeção urinária	25
8	Doenças metabólicas	Diabetes	5
9	Incômodos nervosos	Dores de cabeça	7
10	Gravidezes	Antiabortivo	1

11	Partos	Antiabortivo	1
12	Incômodos na visão	Limpeza na vista	3
13	Doenças na pele	Queda de cabelos	3
14	Incômodos no sistema circulatório	Hipo/Hipertensão	14
15	Dores não definidas	Febres	15

Fonte: (Meneguelli et al., 2017)

Tantas foram as mulheres que demonstraram habilidades, evidências na transferência e conservação do conhecimento etnobotânico agregado ao mundo das plantas medicinais, mostrando-se como depositárias do saber (CARVALHO, 2005), pois apresentam em muitos eventos científicos as suas comunicações, como, por exemplo, conferências, congressos, assim como “lives” nas redes sociais.

As mulheres mostram competência para certos fenômenos da natureza no que diz respeito às plantas medicinais. Isso foi notado pelo método de bola-de-neve em corroboração com a etnobotânica, destacando maior predominância o conhecimento do gênero nesta área do saber real e culturalmente comunicativo (VIU; VIU; CAMPOS, 2010; VÁSQUEZ; MENDONÇA; NODA, 2014).

Entre as pessoas entrevistadas pelos pesquisadores, notou-se uma grande parte de jovens a perderem o valioso mosaico do saber local em plantas medicinais, pois o interesse desta camada de população estava mais propenso ao medicamento convencional, por ser esse de rápida cura e de fácil obtenção nos fármacos, procurando desta forma pelos serviços de saúde pública e pelos médicos principalmente nas zonas urbanas, o que torna deficitário a recorrência à medicina alternativa e respetivo desuso (FAGUNDES; OLIVEIRA; SOUZA, 2017).

A procura das espécies vegetais para o tratamento é muito evidente quando se identificam muitas famílias botânicas utilizadas como fitoterápicas para as enfermidades nas comunidades locais de acordo com os entrevistados (FAGUNDES; OLIVEIRA; SOUZA, 2017).

Os dados encontrados nos estudos da Fitoterapia básica e avançada mostram as plantas medicinais frequentemente citadas pelos informantes na sua maioria, envolvendo as mulheres. Com base nesta informação, foi produzida a tabela 3 que destaca os vegetais e as variadíssimas doenças que dia a dia afetam as populações humanas (BIESKI, 2020).

Tabela 3 – Mostra o nome popular, nome científico de plantas medicinais, as partes usadas para o tratamento e os sintomas apresentados no ato da infecção

	Nome popular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação
1	Açafrão	<i>Cúrcuma longa</i> L.	Rizoma	Inflamação
2	Acerola	<i>Malpighia punicifolia</i> L.	Fruto e folhas	Gripe
3	Alfavaca	<i>Ocimum selloi</i> Benth	Folha	Gripe
4	Anador	<i>Justicia pactoralis</i> Jacq	Folha e talo	Gripes e resfriados
5	Arnica-brasileira	<i>Solidago mirogrossa</i> DC.	Folha e talo	Contusões

6	Babosa	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Folha	Cicatrização
7	Balsamo	<i>Sechum dendrodeum</i> Moc. & Sessé ex DC.	Folha	Úlcera
8	Boldo-brasileiro	<i>Plectranthus barbatus</i> (Andrews)	Folha	Digestivo
9	Caninha-do-brejo	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Folhas	Rins
10	Capim-cidreira	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC)Stapf	Folha	Relaxante muscular
11	Capim-cidreirinha	<i>Elionurus muticus</i> (Spreng.) Kuntze	Folha	Calmante
12	Carqueja	<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	Folha	Estômago
13	Cavalinha	<i>Equisetum arvense</i> L.	Folha	Rins
14	Chanana	<i>Turnera ulmifolia</i> L.	Folha, flores	Inflamação
15	Colônia	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B. L.Burt	Folha	Hipertensão
16	Crajiuru	<i>Fridericia chica</i> (Bonpl.) L. G. Lohmann	Folha	Cicatrizante
17	Erva-baleeira	<i>Cordia verbenácea</i> DC.	Folha	Inflamação
18	Erva-cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill) N. E.	Folha	Calmante
19	Espinheira-santa	<i>Maytenus ilicifolia</i> Mart. Ex Reissek	Folha	Úlcera
20	Folha-da-fortuna	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	Folha	Alergias
21	Gengibre	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Rizoma	Inflamação
22	Goiaba	<i>Psidium guayava</i> L.	Folha e fruto	Diarreia
23	Guano	<i>Mikania glomerata</i> Spreng	Folha	Gripe
24	Manjeriço	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Folha	Gripe
25	Maracujá	<i>Passiflora edulis</i> Sims	Folha	Ansiedade
26	Oro-pro-nobis	<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	Folha	Alimentícia
27	Roma	<i>Punica granatum</i> L.	Folha e fruto	Inflamação
28	Tansagem	<i>Plantago major</i> L.	Folha e semente	Infeções
29	Terramicina	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) O. Kunt.	Folha	Cicatrizante
30	Vitex	<i>Aitex Agmus castus</i> L.	Folha	TPM

Fonte: (BIESKI, 2020)

Considerações finais

O estudo etnobotânico faz revelação do conhecimento da mulher na construção e preservação de plantas medicinais, dando continuidade aos saberes populares e tradicionais, pelo fato dela estar muito interligada aos recursos vegetais no tratamento e cuidados alimentares da família.

É visível na atualidade que a mulher se encontra empenhada em vários setores de atividades sociais, exercendo papel importante para o desenvolvimento do país. Embora permaneça a dominação masculina sobre as mulheres, elas demonstram o seu saber desde a tenra idade manipulando plantas medicinais e assim resolvendo problemas de saúde da família, não só como também contribuem para a conservação da biodiversidade na natureza divulgando conhecimentos fitoterápicos no tratamento de doenças. Nas comunidades, conseguem manter o ritual tradicional ao respeitar o uso de plantas medicinais, um hábito muito importante para a manutenção do conhecimento empírico, pois exercem com zelo transmitindo às novas gerações o poder das plantas na cura de doenças.

Verificou-se que as populações utilizam plantas medicinais com regularidade, pois constitui um recurso natural mais acessível e menos dispendioso, as espécies vegetais prometem a eficácia no tratamento e cura de doenças nas famílias. Constatou-se que as comunidades usam como recurso para a sua sustentabilidade e fonte de rendimento familiar às plantas medicinais na atividade comercial que realizam.

O uso de plantas medicinais para as gerações novas está perdendo seu valor pelo fato da juventude recorrer aos medicamentos farmacológicos, alegando-se serem mais eficientes e de rápida cura sem ter em conta aos efeitos colaterais que estes podem provocar aos pacientes. As partes da planta mais utilizadas para o tratamento de doenças são as folhas e se preparam de diversas formas fazendo infusão, esmagá-las transformando-as em pó, em forma de chás, pondo na comida, e outras formas.

Referências

ALBUQUERQUE, U. P., MEDEIROS, P. M. Revisões sistemáticas e metanálises aplicadas à pesquisa etnobiológica. **Revista Etnobiologia e Conservação**, 1, artigo 6 : 8, 2012.

ALBUQUERQUE, U. P. et al. As pesquisas etnofarmacológicas são úteis para a descoberta e o desenvolvimento de medicamentos a partir de plantas medicinais? **Revista Brasileira de Farmacognosia**. 2014; 24 (2): 110-115. doi: 10.1016 / j.bjp.2014.04.003.

BALBINOT, S.; VELASQUEZ, V. G.; DÜSMAN, E. Reconhecimento e Uso de Plantas Medicinais pelos idosos do Município de Marmeleiro – Paraná. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Campinas, v. 15, n. 4, supl. I, p. 632-638, 2013.

BORGES, R.; PEIXOTO, A. L. Conhecimento e uso de plantas em uma comunidade caiçara do litoral sul do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Revista Acta botânica brasílica**. 23(3): 769-779. 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. ANVISA. **Instrução Normativa nº 4**, de 18 de Junho de 2014. Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2010/int0004_24_02_2010.html. Acesso 17 agosto. 2020.

BIESKI, I. G. C. **Jardim Medicinal no seu Quintal**: Saberes e Fazeres para o uso dos chás e conhecimentos das plantas medicinais nos quintais. Juína, 2020, 3. 240 Kb, e-Book. ISBN 978-65-00-05637-2

CARVALHO, A. M. P. **Etnobotânica del Parque Natural de Montesinho**. Plantas, tradición y saber popular en un territorio del Nordeste de Portugal. Tesis Doctoral. Departamento de Biología. Universidad Autónoma de Madrid. 475p. 2005.

CARVALHO, A. C. B. et al.. Regulação Brasileira em Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Farmanguinhos/Fiocruz. **Revista Fitos**, v. 7, n. 1, p. 5-16. Rio de Janeiro. 2012. e-ISSN 2446-4775

COOPER, H. **Síntese e Meta-Análise de Pesquisa**: Uma Abordagem Passo a Passo. 4th. Thousand Oaks, Califórnia, EUA: SAGE; 2009.

FAGUNDES, N. C. A.; OLIVEIRA, G. L.; SOUZA, B. G. Etnobotânica de plantas medicinais utilizadas no distrito de Vista Alegre, Claro dos Poções – Minas Gerais. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, v. 11(1), 1-118, 2017 | e-ISSN: 2446-4775, DOI 10.5935/2446-4775.20170007

FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: Discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, 14 (28), 139 -152. 2004.

KRAMER, K. L. Cooperative breeding and its significance to the demographic success of humans. **Annual Review of Anthropology**, 39, 417–436. doi:10.1146/annurev.anthro.012809.105054. 2010.

LIMA, R. A.; PIRES, L. S. S.; VIEIRA, N. G. A educação ambiental e o uso de plantas medicinais utilizadas pela população do distrito de União Bandeirante-Rondônia. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental** – REGET, v. 18, n. 4, p. 1351-1360, 2014.

LOPES, L. C. M.; LOBÃO, A. Q. Etnobotânica em uma comunidade de Pescadores artesanais no litoral norte do Espírito Santo, Brasil. **Bol. Mus. Biol. Mello Leitão** (N. Sér.) 32:29-52. Setembro de 2013.

MARINHO, M.G.V.; SILVA, C.C.; ANDRADE, L.H.C. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de caatinga no município de São José de Espinharas, Paraíba, Brasil. **Rev. Bras. Plantas. Med.**, v. 13, n. 2, p. 170-182, 2011.

MARTINS, A. G. et al. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e toxicas da Ilha do Combu, Município de Belém, Estado do Pará. **Rev. Bras. Farmacog.**, v. 86, p. 31-40, 2005.

MENEGUELLI, A. Z. et al. Saberes Fitoterápicos na Comunidade de Remanescentes de Quilombo Dde Pedras Negras- São Francisco do Guaporé – Rondônia – Brasil. **Revista Educação Ambiental em Ação**, v. 61, p.1-8, 2017.

MIRANDA, T. N. et al. Existe utilização efetiva dos recursos vegetais conhecidos em comunidadescaiaçaras na Ilha do Cardoso, estado de São Paulo, Brasil? **Rodriguésia**, 62(1) 153-169. 2011.

OLIVEIRA, V. S. Caracterização das Produções Científicas Sobre Levantamento Etnobotânico de Plantas Medicinais: Revisão Integrativa. **Ensaio Cienc., Cienc. Biol. Agrar. Saúde**, v. 21, n. 1, p. 42-47, 2017. Disponível em: <https://revista.pgsskroton.com/index.php/ensaioeciencia/article/view/4897>.

PFEIFFER, J. M. e BUTZ, R. J. Avaliando a variação cultural e ecológica na pesquisa etnobiológica: a importância do gênero. **Jornal de Etnobiologia**, v. 25, n. 2, p. 240-278, 2005.

PEREIRA, M. G. S.; COELHO-FERREIRA, M. Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola na Amazônia Oriental, Abaetetuba, Pará. **Revista Biota Amazônica**, Macapá, v. 7, n. 3, p. 57 - 68, 2017. Disponível em: <http://periodicos.unifap.br/index.php/biota>.

TORRES-AVILEZ, et al. Gender and Its Role in the Resilience of Local Medical Systems of the Fulni-ô People in NE Brazil: Effects on Structure and Functionality. **Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine**, v. 2019, ID 8313790, 15 p, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1155/2019/8313790>.

TORRES-AVILEZ, W. M. e ALBUQUERQUE, U. P. Dynamics of socioecological systems: gender influence in local medical systems. **Journal Ethnobiology and Conservation**, v. 6, n. 8, p. 1-10, 2017.

TORRES-AVILEZ, W., MEDEIROS, P. M. e ALBUQUERQUE, U. P. Effect of Gender on the Knowledge of Medicinal Plants: Systematic Review and Meta-Analysis. **Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine**, v. 2016, 13 p, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1155/2016/6592363>.

VÁSQUEZ, S. P. F.; MENDONÇA, M. S. e NODA, S. N. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. **Acta Amazonica**, 44(4), p. 457-472, 2014. DOI: 10.1590/1809-4392201400423.

VIEIRA, B. B. & MILWARD-DE-AZEVEDO, M. A. A Etnobotânica e o Ecofeminismo em prol da Conservação Ambiental. **Revista Diversidade e Gestão**, 2(2), Volume Especial: Conservação in situ e ex situ da Biodiversidade Brasileira, p. 178-188, 2018.

VIU, A. F. M.; VIU, M. A. O. e CAMPOS, L. Z. Etnobotânica: uma questão de gênero? **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 5, n. 1, p. 138-147, 2010.

WOOD, W.; EAGLEY, A. H. Biosocial Construction of Sex Differences and Similarities in Behavior. **Advances in Experimental Social Psychology**, v. 46, p. 55-123, 2012.